



**A CIDADE DECIFRADA
DE ATENAS A BAGDÁ – DE PLATÃO A AL-FĀRĀBĪ
REMINISCÊNCIAS PLATÔNICAS E FARABIANAS EM MATRIX***

Renatho Costa**

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP

renatho.costa@usp.br

RESUMO: A concepção de cidade, como estrutura para a satisfação dos interesses humanos, é objeto de estudos há séculos. Nesse artigo a intenção é propor uma discussão acerca do modelo de *cidade ideal* constante em “A República”, de Platão e, num segundo momento, analisar a proposta de *cidade virtuosa* de Al-Fārābī. A partir do desenvolvimento desses dois conceitos de cidade, apresentar-se-á a importância da cidade na trama do filme Matrix e como, em muitos aspectos, as questões propostas por Platão e Al-Fārābī retornam com novas e velhas roupagens. Pretende-se, com isso, demonstrar que a base referencial que fundamenta a trama de alguns filmes, ditos *hollywoodianos*, como Matrix, está ligada aos pensamentos filosóficos e, isso proporciona releituras modernizadas de antigos anseios da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Al-Fārābī – Cidade – “Matrix” – Platão

ABSTRACT: The meaning of city as a structure for satisfaction of the human wellbeing has been object of studies for centuries. The aim of this article is propose a debate about the model of the *ideal city* found out in “The Republic” by Plato and, on sequence, analyze the propose of Al-Fārābī’s *virtuous city*.

From the knowledge of these two concepts of city, it’ll show the importance of city on the plot of the film “The Matrix” and how the questions proposed by Plato and Al-Fārābī returned with new and old meanings. Our proposal is demonstrate that the main reference basing the plots of some films *from Hollywood*, as “The Matrix”, is connected with the philosophical thoughts and, it provides new understandings of old and new yearnings humanity.

KEYWORDS: Al-Fārābī – City – “The Matrix” – Plato

* Apesar de o termo “Matrix” possuir tradução em língua portuguesa, que seria “Matriz”, nesse artigo será utilizado o vocábulo original em língua inglesa, haja vista a distribuidora brasileira ter optado por não traduzi-lo, apenas subtraiu o artigo “The” (“A”) do título original, “The Matrix”.

** Mestre e doutorando em História Social (FFLCH-USP), graduado em Relações Internacionais. Professor do curso de pós-graduação em Política e Relações Internacionais na Fundação Escola de Sociologia e Política. Especialista em questões relacionadas com o ‘mundo muçulmano’ e ‘terrorismo’.

CIDADE: O ELEMENTO EM FOCO

Antes mesmo das transformações sócio-econômicas ocorridas na Europa no final do século XV, que levaram ao surgimento de um novo modelo político-administrativo, qual seja, o Estado, as populações – tanto ocidentais quanto de outras localidades, tais como do Oriente Próximo, Médio ou Distante – já buscavam maneiras para viverem comunitariamente e se integrarem. Nesse sentido, apesar da utilização da expressão lugar comum: “ninguém é uma ilha” para caracterizar essa necessidade humana, ela acaba sendo de grande utilidade, também, para mensurar outra estrutura organizacional, social, política e econômica de magnitude menor, porém, que foi de grande importância para o desenvolvimento do homem: a cidade.

Objeto de estudo por séculos, a cidade vem se transformando de maneira substancial, no entanto, algumas características desse “elemento social” têm se preservado e continua atraindo a atenção dos pesquisadores. Segundo Limonad e Randolph, “[...] a cidade [...] implica um sistema específico de relações sociais, de cultura e, sobretudo, de instituições político-administrativas de autogoverno; isto é, um ambiente onde os cidadãos mantêm algum controle sobre sua própria vida”.¹ Assim, seja para entender sua função dentro do modelo organizacional da nação, seja para representar a estrutura caótica de um determinado grupo social ou, ainda, para aventar modelos ideais de sociedades, a cidade sempre instiga novos questionamentos.

Na proposta desse artigo, a investigação acerca do significado de **cidade** perpassará por três momentos distintos. Primeiramente, a partir do conceito desenvolvido por Platão, haja vista ser a fonte de muitos estudos filosóficos – mas também políticos e sociológicos – ligados a essa temática; num segundo momento, a cidade farabiana tornar-se-á objeto de apreciação mais meticulosa. Isso porque, a matriz utilizada por Al-Fārābī remonta aos modelos platônicos, porém, como será possível constatar a seguir, nem sempre chega às mesmas conclusões do filósofo grego. Na parte final desse artigo será feita a análise do filme **Matrix**, cuja direção e roteiro são dos irmãos Larry e Andy Wachowski.

A opção por **Matrix** dá-se a partir da constatação de que a cidade, objeto desse estudo, está presente em diversos tipos de manifestações culturais, inclusive as

¹ LIMONAD, Ester; RANDOLPH, Rainer. Cidade e Lugar, sua Representação e Apropriação Ideológica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, nº 05, p. 11, maio. 2002.

artísticas, como no caso desse filme *hollywoodiano*. E, a peculiaridade de **Matrix** é que diversos aspectos das obras de Platão e Al-Fārābī estão presentes nele. No entanto, como a proposta desse artigo é analisar exclusivamente a questão da cidade, os demais elementos comuns à **Matrix** e às obras dos filósofos grego e turco serão apenas mencionados para reforçar a idéia de que tais elementos também encontram-se presentes na *cultura pop*.

PÓLIS (ΠΟΛΙΣ): A CIDADE IDEAL DE PLATÃO

Para iniciar essa análise, como foi mencionado anteriormente, torna-se imprescindível retornar a Platão (427-347 a.C.). O filósofo grego já tentava decifrar o modelo de sociedade em que vivia e quais seriam seus problemas a partir do estudo de sua cidade, Atenas. Nesse sentido, sua obra **A República** torna-se um marco introdutório no estudo acerca desse tema.



Cidade de Atenas

Fonte: disponível em:

http://atheism.about.com/library/FAQs/religion/blgrk_athens02.htm

Platão, a partir do ideal de Sócrates (469-399 a.C.), entende que para poder tornar-se um grande político, antes necessitaria conhecer muito bem o que vem a ser política. Dessa maneira “compreende que o desejo de atuar politicamente deve passar

primeiro por um processo iluminador e purificador do tipo socrático”.² Evidentemente que, munido de todo esse conhecimento, poderia utilizá-lo no intuito de estabelecer as bases para sua realização, ou seja, não poderia ser *uma* política, mas sim, *a* política, *aquela* política justa. Concluía, assim, que a política não poderia ser feita sem o estabelecimento de diretrizes, sem ciência, ética e pedagogia.

No entanto, Platão perde a esperança acerca da razoabilidade da cidade quando Sócrates é condenado à morte em 399 a.C. Segundo Pessanha,

A condenação à morte de Sócrates sela definitivamente o destino intelectual e político de Platão. Ele aprende outra lição, dolorosa lição: aquela cidade, sua cidade, apesar de democrática³, estava longe de ser uma cidade ideal, já que nela um justo como Sócrates não pudera continuar vivendo e fora por ela assassinado. Fazer política torna-se, assim, para Platão, projetar e tentar construir essa cidade ideal, digna de Sócrates.⁴

A busca pelo modelo ideal de cidade faz como que Platão a conceba a partir de dois conceitos imamente ligados, quais sejam, de virtude e justiça. Platão entende que há conceitos de “Bem” e de “Justo” e, por isso, um bom governante deve estar imbuído do sentimento de justiça para guiar sua cidade no sentido do bem. Contudo, ainda assim, há a necessidade de conceituar melhor essa idéia do que vem a ser “bem” e “justo”. E mais, entender que homem é esse que faria essas opções.

Platão, para explicar a estrutura da cidade, lança mão de uma analogia acerca da constituição do homem. O filósofo grego entende que o homem é formado por um corpo associado a três almas: uma do desejo, uma do coração e, por fim, uma

² PESSANHA, José Américo Motta. Platão e as Idéias. In: REZENDE, Antonio. (Org.). **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005, p. 53.

³ Apesar de Pessanha mencionar a frustração de Platão com relação à cidade de Atenas e classificá-la como uma democracia, torna-se relevante salientar o fato de que o conceito de democracia entendido pelos gregos, à época de Platão, era bem distinto do que entendendo hoje. Até porque, o conceito de democracia vem sofrendo modificações a partir dos questionamentos que é exposto. Ainda, para uma compreensão melhor acerca do que tipo de democracia que Atenas vivenciava; Pessanha, assim expõe: “Na democracia ateniense, o governo era exercido diretamente pelos cidadãos reunidos na Assembléia. Mas eram considerados cidadãos somente os homens livres e nascidos na cidade. Sem direitos de cidadania e, assim, excluídos da Assembléia ficavam os estrangeiros, as mulheres e os escravos. Ou seja: naquela democracia (que significa “governo do povo”), o governo era exercido não pelo *demos* (povo), mas apenas por parcela da população, os cidadãos. E mais: sobretudo nos períodos de paz e quando nenhuma questão mais importante estava para ser resolvida, poucos compareciam à Assembléia, a maioria preferindo cuidar de negócios e assuntos particulares. Desse modo, havia com freqüência uma escassa e flutuante composição da Assembléia.” (PESSANHA, José Américo Motta. Platão e as Idéias. In: REZENDE, Antonio. (Org.). **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005, p. 53.)

⁴ Ibid.

intelectual. Cada qual teria uma função específica e, todas, entrariam em conflito sempre que uma decisão devesse ser tomada. Tal processo ocorreria, também, com relação à cidade. Isso porque, a cidade é formada por *classes sociais*⁵ distintas – filósofos, guerreiros e artesãos – que visam alcançar interesses particulares, muitas vezes conflitantes. Assim, os conflitos perpétuos do homem e da cidade seriam o mesmo: a instabilidade.

Daí Platão salientar o fato de que a virtude do homem seria a pacificação de suas três almas e, por conseguinte, uma *Cidade Justa* seria aquela que conseguisse harmonizar os interesses de suas *classes sociais* fazendo com que os indivíduos trabalhassem em prol do desenvolvimento da cidade como um ente comum. Sobre a dúvida acerca de como um cidadão deveria viver na *cidade ideal* de Platão, Leal observa que

O indivíduo estaria tão envolvido com sua cidade, tão preocupado em que ela fosse a melhor cidade, que buscaria ocupar o lugar que lhe cabe nesta *pólis*, segundo a sua natureza e suas aptidões, mantendo a sua individualidade, quer dizer, as diferenças pertinentes a cada um. Isto quer dizer que teria que haver uma união de todos os indivíduos, harmonicamente, visando, em primeira instância, o bem coletivo. Isto seria a “justa medida”, em nome da qual é necessário que realmente o cidadão se perceba fazendo parte integrante de sua *pólis*, colaborando com os objetivos primeiros, principalmente com o bem comum, o bem da sua cidade, fazendo aquilo que a sua natureza específica lhe permite.⁶

A proposta platônica ainda não se completa devido ao fato de que, apesar de ter estabelecido a matriz para o surgimento da *cidade ideal*, Platão tem a total percepção de que o surgimento de uma pessoa para governá-la somente será possível a partir de um processo árduo. Segundo Oliveira,

Platão entende ser necessário submeter os educandos a duras provas de habilitação, as quais incluem avaliação da faculdade mnemônica, da resistência à dor e à sedução e da capacidade demonstrada na execução de trabalhos árduos. Os aprovados nesses exames devem prosseguir no processo educativo, estudando matemáticas e, posteriormente, dialética. Aos reprovados cabe trabalhar para a

⁵ A utilização do conceito de *classe social* por Platão não pode ser confundida com a proposta marxista; aqui, o filósofo grego apenas distingue grupos de interesses conflitantes que atuam nas cidades. Marx, somente no século XIX, viria a desenvolver esse conceito de luta de classes dividida entre os detentores dos meios de produção e aqueles que vendem sua força de trabalho.

⁶ LEAL, Aparecido Gomes. Um Estudo sobre o Cidadão e a Cidadania na ‘República’ de Platão. **Boletim do CPA**, Campinas, nº 4, p. 215, jul./dez. 1997. Disponível em: <<<http://venus.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim04/19leal.pdf>>> Acesso em: 01 jul. 2008.

comunidade, prestando os mais diversos serviços: comércio, manufatura de bens de consumo, etc.⁷

Oliveira continua sua análise acerca do modelo de governante ideal proposto por Platão relacionando-o diretamente à **Alegoria da Caverna**; segundo o autor,

A formação [...] do governante, exige, posteriormente, dedicação e esforços ainda maiores por parte dos educandos. Assim como nossos olhos não conseguem contemplar o sol, fonte de toda luz do mundo visível, o Bem, idéia suprema que governa o mundo supra-sensível, não pode ser contemplado se os olhos da alma não forem cuidadosamente preparados para esse fim. A situação, ilustrada pela bem conhecida **alegoria da caverna**, prevê que o homem possa se libertar dos conhecimentos falsos, enganosos, gerados pela opinião (*doxa*), que são apenas sombras ou simulacros dos conhecimentos verdadeiros. Tal ruptura, porém, não é imediata, pois aquele que foi acostumado a viver nas sombras, quando olha pela primeira vez o sol, tem sua vista ofuscada e se recusa a continuar a observá-lo. O mesmo se dá com respeito às verdades e à idéia do soberano Bem. Por essa razão, os estudos a serem feitos posteriormente (matemáticas e dialética) devem prosseguir por muitos anos a fim de revelar quem possui alma de filósofo.⁸

Platão trilha seu árduo caminho no intuito de estabelecer o paradigma para a *cidade ideal* e o melhor governante para a mesma, entretanto, no livro IX de **A República**, nos diálogos de Sócrates com Glauco, já demonstra que tais modelos talvez nunca sejam possíveis de serem realizados. Grande parte dessa impossibilidade estaria ligada ao fato de o homem ter de abrir mão de sua felicidade pessoal em detrimento à harmonia da cidade, ou mesmo por não ser possível contemplar tais qualidades num mesmo ente. Assim, Sócrates acaba por aventar a possibilidade de que tudo seja apenas conjectura. Souza compartilha dessa proposta afirmando que

A conversa socrática na *República* põe, em causa, o vir-a-ser da cidade, o seu realizar-se. As duas fórmulas não anunciam, metaforicamente ou categoricamente, um relato desse realizar-se (e muito menos um plano de cidade a ser executado). Elas simplesmente iniciam em conversa o processo do vir-a-ser, de modo a que também em conversa ele resulte na cidade justa do livro IV e continue no livro seguinte, com a pergunta sobre a possibilidade de que tal vir-a-ser venha a ser.⁹

⁷ OLIVEIRA, Renato José de. Platão e a Filosofia da Educação. **Enciclopédia Filosófica da Educação**, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/platao.htm>>>. Acesso em: 10/07/2008.

⁸ Ibid.

⁹ SOUZA, 1997, apud LEAL, Aparecido Gomes. Um Estudo sobre o Cidadão e a Cidadania na 'República' de Platão. **Boletim do CPA**, Campinas, nº 4, p. 215, jul./dez. 1997. Disponível em: <<<http://venus.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim04/19leal.pdf>>> Acesso em: 01 jul. 2008.

Viável, ou não, a procura pelo modelo ideal de cidade, na qual os homens possam viver *em busca da felicidade* tornou-se preocupação de diversos filósofos. Evidentemente que sua realização também dependeria, diretamente, das qualidades dos habitantes, contudo, devido à fundamentação teórica proposta por Platão, Al-Fārābī retornaria à discussão séculos depois, abrindo caminho para o desenvolvimento da *Falsafa*.¹⁰

AL-MADINA (مدينة) A CIDADE VIRTUOSA DE AL-FĀRĀBĪ

Al-Fārābī (872-950 d.C.) surge para o mundo da *Falsafa* quando o período das traduções das obras gregas para a língua árabe já havia sido concluído, assim, tem uma preocupação mais reflexiva acerca da temática filosófica, inclusive agregando valores a ela a partir de novas abordagens e desenvolvimento de terminologias específicas em língua árabe.



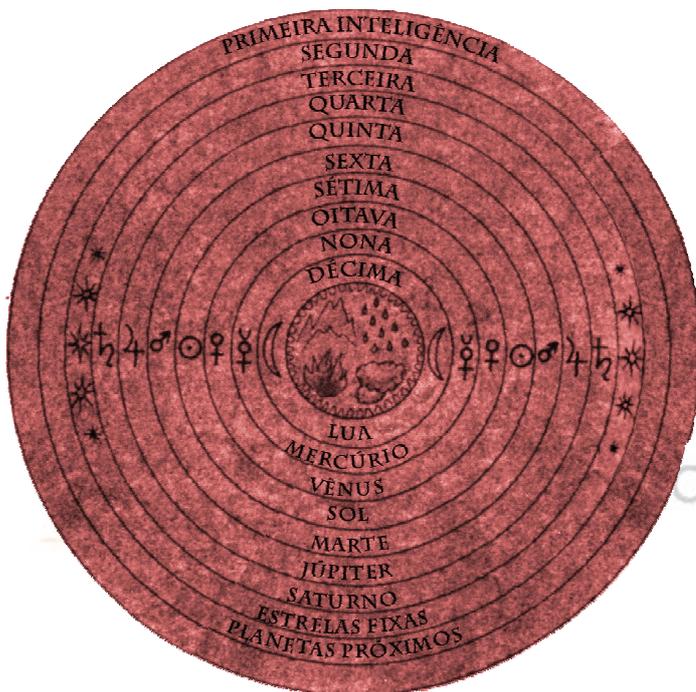
O homem precisa da ajuda de seus pares para alcançar a perfeição apropriada à sua natureza. Diferentemente do selvagem, o homem não foi equipado pela natureza com tudo que é necessário para a preservação e desenvolvimento de seu estado. É somente na sociedade que ele encontra satisfação para suas necessidades física, intelectual e moral. Daí, conclui-se que a sociedade é natural para o homem. (Al-Farabi "O Regime Político")

Dentre as inúmeras abordagens filosóficas que Al-Fārābī propôs, cabe a discussão acerca da *cidade*. Em linhas gerais Al-Fārābī se reporta à República de Platão para falar da cidade, no entanto, como salienta Guerrero, há a influência do pensamento islâmico nessa abordagem. Ora, se Maomé foi enviado à Terra para criar uma sociedade ideal e, para isso, o Corão estabeleceu quais seriam as diretrizes, Al-Fārābī, por sua vez, também pautou sua cidade ideal com base nesses entendimentos, porém, nem sempre a relação com o Islã foi pacífica no sentido de preservar seus dogmas.

¹⁰ Nesse artigo o termo *falsafa* será assumido como o estudo da filosofia entre os árabes. Evidentemente que o termo gera controversas, contudo, para uma discussão mais aprofundada acerca dessa temática da História da Filosofia Árabe ver: ATTIE FILHO, Miguel. **Falsafa** – A Filosofia entre os Árabes. São Paulo: Palas Athena, 2002.

Estabeleceu-se assim com a Cidade muçulmana, distante equivalente da πόλις grega, que teve sua expressão lingüística nas fórmulas *Dār al'islām* (Casa do Islã) e *Dār assalām* (Casa da salvação). Foi entendida como uma cidade ideal, realizável neste mundo e inseparável da realidade histórica, uma vez que está vinculada às atividades dos homens.¹¹

No “Livro das Opiniões dos Habitantes da Cidade Ideal”, Al-Fārābī desenvolve um discurso político (da pólis), mas também faz uma reflexão política sobre o mundo árabe e islâmico.



Modelo evolutivo de Al-Fārābī

Fonte: ATTIE FILHO, Miguel. **Falsafa** – A Filosofia entre os Árabes. São Paulo: Palas Athena, 2002, p.214)

Apesar de a proposta para discutir a estrutura sócio-política das cidades estar presente em seu livro (“Livro das Opiniões...”), torna-se difícil classificá-lo como texto eminentemente político – nos moldes dos textos modernos. Al-Fārābī e Platão têm uma perspectiva complementar do saber. Devido a isso que sua abordagem é mais ampla para discutir um tema específico e, por conseguinte, é possível

afirmar que a visão analítica complementar faz parte da proposta farabiana.

É possível entender, também, a localização da política como uma das visões do conhecimento, mas para alcançá-lo torna-se necessário saber o que é o homem, como ele se configura, etc. Nesse sentido, a similaridade com a linha trilhada pelo raciocínio platônico torna-se flagrante.

¹¹ GUERRERO, Rafael Ramón. A ‘Cidade Excelente’ de Al-Farabi. **Revista Tiraz**, São Paulo, USP, 2006, p. 93.

Ainda, no que tange à faculdade racional do homem, Al-Fārābī afirma que é ela quem domina todas as demais – sob o ponto de vista da supremacia. Assim, o objetivo humano é que todas as faculdades trabalhem para que haja entendimento e, conseqüentemente, equilíbrio. No entanto, para que esse processo seja possível todas as faculdades devem dirigir-se ao intelecto no intuito de realizar sua função maior, qual seja, a preservação do sistema (o corpo).

A estrutura proposta por Al-Fārābī possui dois centros – um material (coração) e outro intelectual. Assim, a Inteligência é comum a todos os homens, mas ao mesmo tempo os transcende. O intelecto, por sua vez, é puramente potência, mas depois se atualiza quando se conecta com essa inteligência. Com isso é possível constatar que, segundo Al-Fārābī, se os homens fossem puramente inteligências entenderiam tudo prontamente. Isso porque, no âmbito das inteligências cósmicas tudo está pensado, e é para isso que o homem vive. Dessa forma, quanto mais aprender, mais estará direcionado ao caminho do “bem”.

Para esse modelo farabiano é fundamental salientar a importância da faculdade que ele chama de intelecto. O intelecto é uma faculdade única, mas opera em duas instâncias: 1) **teórica**, da compreensão, a qual procura a verdade das coisas, compreendê-las; e, 2) **prática**, aquela que dirige as suas ações a partir de sua teorização.

O paradigma estabelecido por Al-Fārābī que levaria ao surgimento do ser humano cria uma hierarquia a partir da existência do Ser Primeiro (Primeira Inteligência). Ele seria a perfeição absoluta, sem matéria, apenas inteligência. O processo até a chegada ao homem dar-se-ia por emanção. Attie Filho detalha esse processo indicando que

A emanção segue uma hierarquia que se inicia pelo ser mais próximo e mais perfeito em relação ao Ser Primeiro, e segue em escala descendente em relação ao ser menos perfeito. Tudo isso provém do Ser Primeiro e Sua substância permanece a mesma sem sofrer qualquer alteração. Seguem-se assim os seres, cada um segundo sua perfeição, começando pelo mais perfeito, depois aquele que é um pouco menos perfeito, em seguida os seres que são menos perfeitos se sucedem até o ser em que, abaixo dele, não pode haver nenhuma existência. [...] Vale notar que a emanção proposta por Al-Farabi se dá no interior do Ser Primeiro e não como algo que se produz fora dele.¹²

¹² ATTIE FILHO, Miguel. **Falsafa** – A Filosofia entre os Árabes. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 208-209.

A partir dessa estrutura constitutiva dos seres humanos Al-Fārābī busca explicar a razão pela qual há a associação deles no que convencionamos chamar de cidade. De acordo com a proposta farabiana, essa associação se dá, prioritariamente, devido à necessidade de realização do seu destino. Se há necessidade de inteligir para aperfeiçoar sua existência, nesse tipo de associação as possibilidades tornam-se mais viáveis. E, por fim, se eles conseguirem alcançar seus objetivos *serão felizes*.

O bem mais excelente e a perfeição mais elevada somente se alcançam, antes de tudo, na cidade, não na sociedade que é menos completa que ela. E como a verdadeira condição do bem é ser alcançado pela liberdade e pela vontade e, da mesma forma, os males somente acontecem pela vontade e a liberdade, é possível fundar uma cidade para colaborar mutuamente em conseguir alguns fins que são maus. Por isso, nem toda cidade permite alcançar a felicidade. Então, a cidade na qual se pretende pela mútua colaboração chegar àquelas coisas com as quais se consegue a verdadeira felicidade, é a Cidade Excelente, e a sociedade pela qual se colabora mutuamente para conseguir a felicidade é a sociedade excelente.¹³

Al-Fārābī deixa claro que as sociedades humanas podem ser perfeitas ou imperfeitas. Com isso evidencia-se que esse gradiente de possibilidades abarca associações humanas de diversas classes. E, se há diversas associações humanas, em graus diferentes de desenvolvimento para facilitar essa busca pela felicidade, é plausível, também, que uma delas – ou algumas delas –, será formada por elementos mais virtuosos.

Dando continuidade à teorização farabiana, por conseguinte, as cidades perfeitas são aquelas que têm mais virtudes. As imperfeitas são aquelas que são geridas ou geradas em desvios das virtudes. Contudo, para Al-Fārābī, a busca pela felicidade não é uma ambição moral, mas uma consequência natural. Todo ser humano guia sua vida no sentido de alcançar a felicidade.

A cidade virtuosa se assemelha ao corpo humano em sua totalidade e são os membros que contribuem para manter o acabamento e preservar a vida do animal. A harmonia no funcionamento desse organismo é a representação de um ideal a ser alcançado. Porém, de acordo com Al-Fārābī, os órgãos do corpo humano são

¹³ K. AL-MADĪNA, apud GUERRERO, Rafael Ramón. A ‘Cidade Excelente’ de Al-Farabi. **Revista Tiraz**, São Paulo, USP, 2006, p. 100.

hierarquizados, mas todos se remetem ao coração. Por conseguinte, as cidades devem ser hierarquizadas conforme a importância das instituições.¹⁴

Se Al-Fārābī constata que a cidade é a melhor estrutura para proporcionar o desenvolvimento humano e, concomitantemente, o virtuosismo dela está ligado diretamente à maneira com que ela é gerida, outra preocupação que assume grande importância nesse sentido é saber quem estaria capacitado a governá-la.

Aqui, Al-Fārābī retorna à proposta de Platão para estabelecer que esse governante precisaria possuir todas as perfeições e estar munido de conhecimento acerca das ciências políticas para ter condições de exercer sua autoridade. Assim, conclui-se que o *Homem de Estado* deve ser filósofo, legislador e educador.

Em resumo, <a ciência política mostra> que <o filósofo> deve imitar a Deus e seguir as pegadas da direção daquele que rege o universo quando dá às diferentes classes de seres os dons naturais, natureza e disposições próprias que lhes estabeleceu e que nelas se assentam... <O filósofo> deverá estabelecer nas cidades e nações coisas similares a estas, pertencentes às artes, disposições e hábitos voluntários, a fim de que se realizem completamente os bens voluntários em cada uma das cidades e nações segundo seu grau e merecimento, para que por causa dele as comunidades das nações e cidades cheguem à felicidade nesta vida e na vida futura.¹⁵

Com base no modelo estabelecido por Al-Fārābī o desafio seguinte se dá a partir da perspectiva de que as qualidades exigidas para o exercício do governo da cidade virtuosa nem sempre podem ser encontradas numa mesma pessoa. Assim, o desenvolvimento posterior de sua proposta esclarece que se não houver uma única pessoa que contemple tais características, a cidade virtuosa poderia ser governada por mais de uma pessoa, desde que elas contemplem tal exigência.

O regime virtuoso pode ser definido como o regime em que o ser humano está unido e coopera com o objetivo de se tornar virtuoso, executando atividades nobres e alcançando a felicidade. É distinguido pela presença nele do conhecimento da definitiva perfeição do homem, a distinção entre o nobre e o simples, entre as virtudes e os vícios, entre os esforços ajustados dos legisladores e cidadãos para ensinar e aprender essas coisas. Desenvolver as maneiras virtuosas ou característica dos Estados das quais emergem as atividades nobres e úteis para a realização da felicidade.¹⁶

¹⁴ ATTIE FILHO, Miguel. **Falsafa** – A Filosofia entre os Árabes. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 219.

¹⁵ K. ALMILLAH, apud GUERRERO, Rafael Ramón. A ‘Cidade Excelente’ de Al-Farabi. **Revista Tiraz**, São Paulo, USP, 2006, p. 101.

¹⁶ MAHDI, Muhsin S. **Alfarabi and the Foundation of Islamic Political Philosophy**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001, p. 129.

Sendo a felicidade a finalidade última para os homens viverem e, as cidades, o mecanismo ideal para alcançá-la, é possível constatar que, devido às inúmeras variáveis que competiriam para a felicidade do homem, as cidades, por sua vez, podem ser mais ou menos virtuosas – com suas leis e seus governantes.



Cidade de Bagdá Antiga

Fonte: Disponível em:

[//www.islam.org.br/a_casa_da_ciencia_em_bagda.htm](http://www.islam.org.br/a_casa_da_ciencia_em_bagda.htm)

Havendo, nessas cidades, pessoas com níveis distintos de ‘felicidade’, aquelas que persistirem nessa procura terão a possibilidade de alcançá-la primeiro. O resultado final dessa ‘epopéia’ seria o ponto em que a “alma feliz” se desprenderia do corpo e passaria a viver no nível da inteligência.

As pessoas tornam-se mais felizes quando buscam a felicidade, assim, conforme Mahdi expõe, “a realização da felicidade significa a perfeição desse poder da alma humana que é específica para o homem: sua razão!”¹⁷ e, o objetivo de Al-Fārābī ao propor as bases constitutivas da *cidade virtuosa* acaba sendo instaurar a cidade que ele vê no mundo sensível, ou seja, no mundo terrestre.

Retomando a questão do legislador e legislação ideais para a *cidade virtuosa*, Al-Fārābī deixa claro que as legislações são variáveis de acordo com os valores que as sociedades têm e, por sua vez, elas são o espelho de seus legisladores.

Um legislador de caráter virtuoso, que está numa cidade da luxúria, não é, necessariamente, defensor dos valores da luxúria. Embora haja uma legislação que tenda a defender tal prática, não quer dizer que todas as pessoas que compõem a sociedade estejam de acordo com aqueles princípios.

Al-Farabi considera que o líder político tem a função de um médico, o qual trata almas e sua habilidade política é para gerar o bem-estar da cidade, a qual a habilidade do médico é [proporcionar] a saúde corporal. O trabalho de um político não deveria estar restrito à organização e gerenciamento das cidades, visto que ele incentiva as

¹⁷ MAHDI, Muhsin S. *Alfarabi and the Foundation of Islamic Political Philosophy*. Chicago: The University of Chicago Press, 2001, p. 129.

peessoas a ajudarem umas às outras para alcançarem coisas boas e, também, para superarem o mal. Ele deve usar sua habilidade política para proteger as virtudes e as louváveis atividades que encorajem os cidadãos a estarem livres de falhas. Dentre as demais características do líder político está a “faculdade consultiva”, em outras palavras “uma capacidade intelectual pela qual ele pode prolongar o que é mais benéfico e mais justo na procura pelo bem dentre as outras coisas”.¹⁸

Assim, a partir do entendimento de que numa mesma cidade possa haver cidadãos com níveis distintos de desenvolvimento – tomando como base os princípios estabelecidos por Al-Fārābī como ideais e que são inspirados na obra de Platão –, também é possível haver pessoas de cidades distintas que se configurariam em sociedades com os mesmos princípios, formando outras cidades (não no mesmo plano). Isso porque, as almas humanas se escalonariam de acordo com as escolhas que preferiram durante a vida.

Nesse sentido, como abordaremos a seguir, torna-se viável a propositura de **Matrix**, onde pessoas vivem em dimensões distintas – talvez paralelas. Isso porque, embora uma pessoa possa estar vivendo em qualquer cidade – deslocada, como será analisado o caso do personagem Neo, em **Matrix** –, pode fazer parte de uma outra sociedade anímica que esteja próxima às faculdades que escolheu para a sua vida.

Com isso, Al-Fārābī pretende concluir que enquanto a cidade ideal – ou virtuosa – não é instaurada na Terra, as pessoas podem, virtualmente, fazer essa passagem no sentido do intelecto. As pessoas permanecem inseridas (de fato) numa cidade e, animicamente, em outra.

MATRIX: A CIDADE SEM VIRTUDE, MAS IDEAL...

Matrix foi idealizado pelos irmãos Wachowski como uma trilogia (**The Matrix**”, **The Matrix Reloaded** e **The Matrix Revolutions**), no entanto, para essa análise será utilizado apenas o primeiro dos filmes, contudo, mesmo que alguns aspectos mencionados possam ter sido respondidos nos demais episódios, a abordagem *da cidade* proposta na primeira parte já torna possível o estabelecimento de paralelos com as proposituras de Platão e Al-Fārābī.

¹⁸ AL-TALBI, Ammar. Al-Farabi. *The Quarterly Review of Comparative Education*, Paris, UNESCO: International Bureau of Education, vol. XXIII, n°. 1/2, 1993.

À parte a construção de uma mística cinematográfica sobre **Matrix**, o que pode ser percebido é que os roteiristas e diretores desenvolveram a trama utilizando elementos mitológicos gregos, cristãos e, por assim dizer, farabianos.

Logo na concepção dos nomes dos personagens é possível perceber que nada foi colocado ao acaso, decifrar seus nomes torna-se fundamental para entender suas funções na trama. Assim, para efeito de constatação do afirmado, vejamos o significado do nome do protagonista de **Matrix**: Thomas A. Anderson – cujo codinome utilizado no mundo virtual é Neo.

Neo surgirá na trama como “o escolhido”, aquele que virá para salvar a humanidade. Mesmo que o problema acerca dela não seja muito bem explicado no início da trama, **Neo** é “o novo”. Em contrapartida, **Thomas A.**, nome utilizado pelo personagem no *mundo real*, seria uma alusão a São Tomás de Aquino¹⁹ e, **Anderson**, a fusão de “ander” – “homem” em grego – e, “son” – “filho”, em inglês. Disso teríamos “o filho do homem” e, por fim, **Neo Anderson** “O Novo filho do homem”. Se o filho do Homem, como é difundido amplamente pelo cristianismo, foi Jesus, um profeta; Neo, por sua vez, faria parte dessa mesma linhagem de seres enviados por Deus para levar sua palavra e restaurar *o bem*.

Nota-se que a partir da concepção do nome já é possível perceber que o personagem terá que trilhar seu caminho no sentido de alcançar *o bem*. Dessa maneira, aproxima-se da visão platônica e farabiana de que apenas uma pessoa dotada de qualidades nobres teria condições de administrar a cidade. Nesse caso, essa propositura ainda vem referendada pela visão profética da cristandade.

Neo ainda não sabe qual será seu papel na trama, no entanto, já sente que vive à procura de algo que não consegue encontrar no plano terrestre (*sublunar*). Nesse caso é possível fazer uma analogia à estrutura das sociedades estabelecidas por Al-Fārābī, segundo a qual os habitantes das cidades, necessariamente, não precisam estar vivendo no mesmo nível evolutivo. Muitas vezes eles criam cidades que comportam pessoas que já saíram do nível sublunar e trilham sua trajetória no sentido da Primeira Inteligência. As dúvidas acerca de sua existência apontam para essa leitura.

¹⁹ É com São Tomás de Aquino (1225-1274) que o pensamento cristão adquire uma filosofia, ou seja, abarca a plena consciência dos poderes da razão. Em Tomás de Aquino há a convergência do pensamento escolástico e, também, do pensamento patrístico – rico de elementos helenistas e neoplatônicos, além do patrimônio de revelação judaico-cristã.



Um conjunto de interesses mútuos leva um grupo de pessoas a manter contato com Neo. Mais uma vez a trama aponta para o fato de que existem pessoas com interesses distintos vivendo numa mesma cidade e que isso é um diferencial. Porém, até esse momento não há qualquer explicação acerca do que esse grupo de pessoas pretenda com Neo, tampouco quem são. Essa questão somente será explicitada depois de Neo conseguir refrear sua angústia e encontrar-se com Morfeu – o “deus dos sonhos” grego, aquele que colocará em dúvida, a todo o momento, que tipo de realidade os personagens procuram e vivem –, pessoalmente, num hotel decrépito.

Assim, já há a sugestão de que o caminho a ser trilhado no sentido de encontrar *a verdade* nem sempre se apresenta como o mais *belo*. Nesse primeiro encontro entre o suposto “escolhido” e seu “tutor”, a tão ambicionada *verdade* é oferecida a Neo. Como em Al-Fārābī ou Platão, o homem sempre tem a possibilidade de fazer sua escolha, no entanto, para que ele possa alcançar níveis superiores de evolução tem que trilhar seu caminho no sentido *da verdade*.

Em **Matrix**, diferentemente da proposta farabiana, quando Neo opta por conhecer *a verdade*, ela não soa, num primeiro momento, como a possibilidade de evoluir, mas sim, como algo perigoso e, até certo ponto, que não o trará vantagens imediatas. No entanto, como é possível perceber nesse primeiro diálogo entre os personagens Neo e Morfeu, é dada a Neo a possibilidade de *sair da caverna*, olhar pela primeira vez o mundo que vive, e mais, conhecer a verdade. Neo é confrontado com a

alegoria da caverna de Platão, basta fazer a opção pelo caminho da verdade ou pela manutenção na ignorância.

(Hotel Lafayette)

Morfeu: Por fim. Bem-vindo, Neo. Como você já deve ter adivinhado, eu sou Morfeu.

Neo: É uma honra conhecê-lo.

Morfeu: Não, a honra é minha. Por favor, venha. Sente-se. Eu imagino que agora você esteja se sentindo um pouco como Alice, entrando na toca do coelho, não?

Neo: Você pode dizer que sim.

Morfeu: Eu posso ver em seus olhos. Você tem o olhar de um homem que aceita o que vê porque está esperando acordar. Ironicamente, não está muito distante da verdade. Você acredita em destino, Neo?

Neo: Não.

Morfeu: Por que, não?

Neo: Porque eu não gosto da idéia de que eu não controlo minha vida.

Morfeu: Eu sei exatamente o que isso significa. Deixe-me dizer porque você está aqui. Você está aqui porque sabe de alguma coisa. O que você sabe, não consegue explicar. Mas você pode sentir. Você sentiu durante sua vida inteira que há alguma coisa errada com o mundo. Você não sabe o que é, mas sabe que há. Como um zunido em sua cabeça o enlouquecendo. E foi esse sentimento que o trouxe a mim. Você sabe do que eu estou falando?

Neo: A Matrix?

Morfeu: Você quer saber o que é?

(Neo balança a cabeça afirmativamente)

Morfeu: A Matrix está em todo lugar. Ela está à nossa volta, inclusive agora, nessa sala. Você pode vê-la quando olha para fora de sua janela, ou quando liga sua televisão. Você pode senti-la quando vai trabalhar, quando vai à igreja, quando paga seus impostos. É o mundo que está sendo colocado para os seus olhos para segá-lo da verdade.

Neo: Que verdade?

Morfeu: Que você é um escravo, Neo. Como qualquer outro, você nasceu nesse cativeiro, nasceu numa prisão que não pode sentir seu cheiro ou tocar. Uma prisão para sua mente... Infelizmente, ninguém pode dizer o que é a Matrix. Você deve vê-la com seus próprios olhos. Essa é sua última chance. Depois disso não há volta.²⁰

A continuação dessa cena apresenta a Neo a possibilidade de dar um passo substancial no caminho da *verdade*. O oferecimento que Morfeu o fará acerca da possibilidade de entender sua função nesse mundo torna-se tentador, até porque, a construção dos diálogos é feita no sentido criar a alegoria de que *a ignorância* é a amarra que impede a evolução do homem. Assim, Morfeu faz a proposta a Neo e, os diretores de **Matrix** criam uma cena que se tornou clássica para o cinema, “a cena das pílulas”:

²⁰ **Matrix**. Andy Wachowski (dir.) EUA: Warner Bros, 1999. Cor. 136 min.

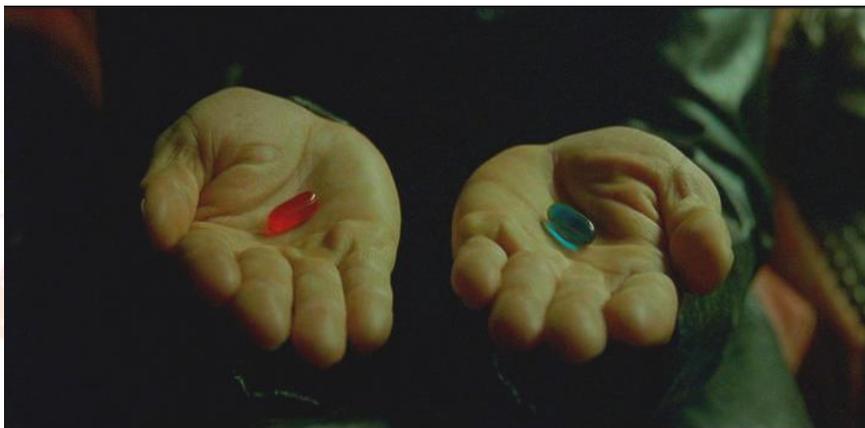
Morfeu: Você [...] pega a pílula azul, a história se acaba, você acorda na sua cama e acredita em qualquer coisa que quiser acreditar. Você pega a pílula vermelha, você está no País das Maravilhas e eu mostro a você como é profunda a toca que o Coelho entra... Lembre-se, tudo que eu estou lhe oferecendo é a verdade, nada mais...

Neo opta pela pílula vermelha e, na seqüência, passa a viver o que parece ser uma alucinação. Coloca a mão num espelho que age como se fosse líquido e começa a revestir o corpo de Neo...

Morfeu: Você já teve um sonho, Neo, que não tinha certeza se era real? E se você não conseguisse acordar desse sonho? Como você saberia a diferença entre o mundo do sonho e o mundo real?

Neo: *(apavorado com o líquido do espelho que vai revestindo seu corpo e dirigindo-se para sua cabeça)* Isso não pode ser...

Morfeu: Ser o quê? Ser real?²¹ (Destaque do autor)



Feita a escolha, Neo não tem mais possibilidade de recuar e, a partir desse momento a verdade sobre sua vida e sobre o modelo de sociedade que vive será exposto. Um fato a ser considerado é que a construção dos diálogos já tem a intenção de gerar dúvida acerca de tudo que vai ser mostrado a seguir. O novo será exposto para Neo, mas o espectador do filme também acabou sendo envolvido pela promessa feita.

Quando Neo passa a ser apresentado à verdade, gradualmente é imposto a ele a situação proposta por Sócrates ao discutir com Glauco sobre os cativos na caverna, em *A República*.

Sócrates: O que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, para ver se, regressados à sua luz, as coisas se passavam desse modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento

²¹ **Matrix.** Andy Wachowski (dir.) EUA: Warner Bros, 1999. Cor. 136 min..

impedi-lo-ia de fixar os olhos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltando para objetos mais reais? E se ainda, mostrando-lhe cada um desses objetos que passavam, o forçassem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os objetos vistos outrora eram mais reais do que os que agora lhe mostram?

Glauco: Sem dúvida.

Sócrates: Portanto, se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objetos para os quais podia olhar, e julgaria ainda que estes eram na verdade mais nítidos do que os que lhe mostravam?

Glauco: Seria sim.

Sócrates: E se o arrancasse dali à força e o fizesse subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sul, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, sem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos?

Glauco: Não poderia, de fato, pelo menos de repente.

Sócrates: Precisaria de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletida na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia.²² (Destaque do autor)



A *alegoria da caverna* representa muito bem a sensação que Neo vivencia ao descobrir que o que vivera até o momento nada mais fora que a criação de uma realidade para preservar a vida de outrem. O argumento utilizado pelos roteiristas para resolver tal situação foi de que, com a criação da *Inteligência Artificial* – no início do século XXI – houve um grande conflito entre robôs e seres humanos e, esses últimos, no intuito de destruírem as reservas de energia das máquinas acabaram com o céu e a possibilidade de utilização da energia solar.

O que poderia ser o fim para as máquinas acabou se transformando no cativo dos homens. Os poucos seres humanos que conseguiram resistir ao resfriamento da Terra se refugiaram em seu subterrâneo – onde havia algum calor emanado por seu núcleo – e os robôs passaram a obter energia a partir da “criação de seres humanos”.

Segundo o argumento dos irmãos Wachowski, se houvesse uma grande quantidade de seres humanos gerando energia, seus corpos poderiam se transformar

²² PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2008, p. 211.

num imenso gerador humano. Essa passagem é elucidada quando Morfeu explica a Neo, “O corpo humano gera mais bioeletricidade do que uma bateria de 120 volts e mais de 25.000 BTUs de calor do corpo. Combinado com uma forma de fusão, as máquinas encontraram toda a energia que precisariam.” Assim, os robôs criam enormes *criações de seres humanos* para a manutenção da vida cibernética.

Morfeu, depois de revelar toda a *verdade* acerca do que aconteceu com humanidade na Terra, oferece a Neo a possibilidade de entrar num simulador de realidade semelhante ao que os seres humanos passaram a viver, um simulador limitado quando comparado ao mundo criado por **Matrix**.

Neo: Morfeu, o que aconteceu comigo? O que é esse lugar?

Morfeu: Mais importante do que 'o que?' é 'quando?'

Neo: Quando?

Morfeu: Você acredita que está no ano de 1999 quando, de fato, estamos próximo de 2199. Eu não posso dizer-lhe exatamente que ano é porque nós, honestamente, não sabemos. Não há nada que eu possa dizer que explicará isso a você, Neo. [...]

Morfeu: Esta é a construção. É nosso programa carregando. Nós podemos carregar qualquer coisa: de roupas a equipamentos, armas, simuladores de treinamento, qualquer coisa que precisarmos.

Neo: Certo, agora nós estamos dentro de um programa de computador?

Morfeu: É realmente tão difícil de acreditar? Suas roupas estão diferentes. Os plugues em seus braços e cabeça se foram. Seu cabelo está mudado. Sua aparência, agora, é o que chamamos de ‘auto-imagem residual’. É a projeção mental de seu eu digital.

Neo: Isto... isto não é real?

Morfeu: O que é real? Como você define real? Se você está falando sobre o que você pode sentir, o que pode cheirar, o que pode saborear e ver, então o real é simplesmente sinais elétricos interpretador por seu cérebro. Este é o mundo que você conhece. O mundo como estava no final do século XX. Ele existe agora somente como parte de uma simulação neural-interativa que nós chamamos de Matrix. Você tem vivido num mundo dos sonhos, Neo. Este é o mundo como existe hoje... Bem-vindo ao deserto... do real.

A partir desse momento em que é explicitada a função da **Matrix** para o desenvolvimento do ser humano torna-se imperativo questionar: que realidade é essa criada por ela? Seria a cidade ideal de Platão ou a cidade virtuosa de Al-Fārābī?



Tanto Platão quanto Al-Fārābī sugerem modelos ideais para o desenvolvimento do homem e, conseqüentemente, harmonia das cidades. De certa forma, essa é a proposta de **Matrix**, ou seja, se os homens viverem subordinados às limitações impostas por ela – ou pelo mundo criado por ela – poderão encontrar a satisfação plena, mesmo que esse modelo consista em não conhecer a verdade, conforme Morfeu salienta ao oferecer a pílula vermelha a Neo:

Morfeu: [...] você é um escravo, Neo. Como qualquer outro, você nasceu nesse cativeteiro, nasceu numa prisão que não pode sentir seu cheiro ou tocar. Uma prisão para sua mente... Infelizmente, ninguém pode dizer o que é a Matrix. Você deve vê-la com seus próprios olhos. Essa é sua última chance. Depois disso não há volta.²³ (Destaque do autor.)

Assim, a opção pelo conhecimento, pela verdade, é a mais dolorosa, haja vista implicar no abandono do conforto gerado pelo paradigma simplesmente auto-reproduzido. O homem comum prefere, muitas vezes, manter-se no *mundo sublunar* – décima primeira inteligência proposta por Al-Fārābī – a trilhar um caminho cheio de dúvidas no sentido da *primeira inteligência*, ou seja, do *Ser Primeiro*.

Avançando na análise, um momento fundamental do filme no intuito de entender a proposta de cidade que se adequaria melhor ao ser humano, vem à tona quando Morfeu é preso e interrogado pelos agentes da Matrix e, um deles, Smith, expõe seu desprezo e como foi difícil chegar ao modelo ideal que atenderia aos anseios humanos.

²³ **Matrix.** Andy Wachowski (dir.) EUA: Warner Bros, 1999. Cor. 136 min.

Agente Smith: Já olhou tudo isso de cima? Maravilhoso com sua beleza, sua genialidade. Bilhões de pessoas vivendo suas vidas... distraídas! Você sabia que a primeira Matrix foi criada para ser o mundo humano perfeito, onde ninguém sofreria, onde todos seriam felizes? Foi um desastre. Ninguém aceitou o programa. Perdemos safras inteiras. Alguns acham que não tínhamos a linguagem de programação para desenvolvermos o seu mundo perfeito. Mas eu acho que, como espécie, os seres humanos definem a realidade através da desgraça e do sofrimento. [perspectiva niilista] Então o mundo perfeito era um sonho do qual o cérebro primitivo de vocês tentava acordar. E por isso a Matrix foi recriada assim. O ápice de sua civilização. Eu digo “sua civilização” porque quando começamos a pensar por vocês, tornou-se nossa civilização, o que, claro, é a razão de tudo isso. Evolução, Morfeu! Evolução... como o dinossauro. Olhe pela janela. Vocês tiveram seu tempo. O futuro é o nosso mundo, Morfeu. O futuro é o nosso tempo!²⁴ (Destaque do autor)

Explicitamente o filme, como num suposto estudo empírico, chega a conclusões distintas de Al-Fārābī no que tange à felicidade. Para o desenvolvimento da cidade, uma estrutura fundamentada na felicidade seria sua falência. O sentimento de realização logo se transformaria em frustração. Assim, a cidade de Matrix não pode ser considerada virtuosa porque seus habitantes não concebem a virtude como algo passível de gerar a evolução, mas sim, quando vivida em sua plenitude, assume contornos de fracasso.

Matrix não pode ser uma cidade virtuosa porque seus cidadãos são humanos e, conforme o mesmo agente Smith afirma – na seqüência da cena do interrogatório de Morfeu – o virtuosismo não cabe ao ser humano.

Agente Smith: Eu gostaria de te [Morfeu] contar uma revelação que tive durante o tempo que estive aqui. Ela me ocorreu quando tentei classificar a sua espécie e me dei conta de que vocês não são mamíferos. Todos os mamíferos do planeta instintivamente entram em equilíbrio com o meio ambiente, mas os humanos não. Vocês vão para uma área e se multiplicam, e se multiplicam até que todos os recursos naturais sejam consumidos. A única forma de sobreviverem é indo para outra área. Há um outro organismo nesse planeta que segue o mesmo padrão. Sabe qual é? Um vírus. Os seres humanos são uma doença. Um câncer nesse planeta. Vocês são uma praga.²⁵

A construção de uma cidade ideal, agora tentando trilhar o caminho proposto por Platão, perpassaria pelo desenvolvimento daqueles que a governam até que obtivessem o conhecimento suficiente para que ela se tornasse **justa**. De certa forma,

²⁴ **Matrix.** Andy Wachowski (dir.) EUA: Warner Bros, 1999. Cor. 136 min.

²⁵ Ibid.

para que se chegasse à realidade criada pela Matrix o homem buscou, ao extremo, aperfeiçoar suas qualidades técnicas e chegou à *inteligência artificial*. Com ela o homem poderia se preparar para um momento ímpar na sua evolução, no entanto, de acordo com a argumentação propostas pelos roteiristas do filme, essa inteligência teria sido a mola propulsora do fracasso da civilização. Assim, uma cidade justa também não pode ser concebida ao ser humano porque ele não consegue aceitar *a perfeição como realidade*.

Numa última analogia entre a cidade virtuosa de Al-Fārābī e a cidade ideal de Platão, é possível aproximá-las da construção de Feuerbach acerca a criação de Deus, ou seja, o homem cria modelos tão perfeitos que depois não consegue conceber que tenham sido criados por ele. Num momento posterior passa a idolatrá-los ou ambicioná-los como um ideal a ser atingido e onde a realização será contemplada. Essas são as cidades dos filósofos, ímpares em *perfeição*, mas muito distantes da Matrix que o homem está destinado a viver.

